***Fuggir la cadenza*: conotações metafísicas da cadência de engano em *Harmonices Mudi*, Kepler**

Temática livre

No ensino e aprendizagem das chamadas disciplinas teóricas na área de música, é recorrente o tratamento de questões históricas e especulativas associadas à cadência dita perfeita. Particularizando a temática, essa comunicação revisa conotações metafísicas relacionadas à cadência de engano conforme Johanes Kepler.

Em 1619, Johanes Kepler (1571-1630) publica seu *Harmonices Mundi Libri Quinque*, uma obra que desde então vem sendo comentada em diversas áreas de conhecimento. No campo das matemáticas, Tonietti (2014, p. 37-38) destaca que Kepler defende que as estrelas e os planetas influenciam nos movimentos harmônicos da terra e das mentes daqueles que nela residem. Essa influência é manifesta, e se torna inteligível, na música e na linguagem matemática. No campo da história da ciência, Cohen (1984, p. 17) observa que, na visão de Kepler, “Deus, ao criar o Universo, foi guiado por certas regularidades matemáticas. Portanto, para o homem, a percepção mais profunda da natureza que pode ser obtida é a descoberta dessas mesmas regularidades matemáticas na maneira que elas são expressas no mundo”.

No Livro IV do *Harmonices Mundi*, essa correlação entre o movimento dos astros e o humano, que se torna sensivelmente receptivo a esses movimentos através da música, é desenvolvida. É estabelecido que os astros, a partir de seus movimentos harmônicos, afetam a alma do homem terráqueo, e que a música, emulando tais movimentos, pode alcançar efeito aproximado. Uma das instâncias desse impacto da música sobre a alma humana se dá na mimetização do perpétuo movimento dos astros, que nunca retornam a seu ponto de partida, através daquela conjuntura musical que hoje, grosso modo, podemos chamar de cadência deceptiva ou de engano.

Para acompanharmos o raciocínio de Kepler, é preciso passar por uma questão: afinal, o que podemos conhecer acerca da sonoridade dos astros inaudíveis? No livro V do *Harmonices Mundi*, lemos que, diferente da música instrumental e daquela produzida pelas vozes humanas, a música dos planetas não é audível. Na leitura de Pesic (2014, p. 85), a harmonia perene que, pelas resoluções definidas e prescritas constituem a imensidão do tempo, se constitui na música sensível com o ato de “fugir da cadência” (*fuggir la cadenza*), o ato da cadência de engano. Zarlino descreve tal procedimento musical como “útil quando um compositor sente a necessidade, no meio de uma bela passagem, de uma cadência, mas não pode escrevê-la porque o período do texto não coincide e não seria honesto inserir uma” (ZARLINO apud PESIC, 2014, p. 85). Pesic (2014, p. 86) continua ao destacar que, ainda que não tenha utilizado o termo *fuggir la cadenza*, Kepler “entende que a harmonia cósmica pode adiar imensamente sua cadência final através de artifícios musicais”.

Se a totalidade da inaudível harmonia cósmica posta pelo Criador supera nossa inteligibilidade e efemeridade, a música polifônica sensível “nos permite experimentar o êxtase da cadência deceptiva, que é o prazer divino” (PESIC, 2014, p. 87). Nessa leitura cosmogônica e musical, a repetição do “acorde inicial” representa a possibilidade de uma “cadência final” no movimento dos planetas e astros: o suposto momento em que esses novamente ocuparão sua posição inicial estabelecida por Deus no início dos tempos. Sobre essa possibilidade, entretanto, Kepler escreve no *Mysterium cosmographicum* (1596): “os movimentos [dos planetas] estão em proporções irracionais entre si e, portanto, nunca retornarão ao mesmo ponto de partida, mesmo que durem infinitas eras” (KEPLER apud PESIC, 2014, p. 87).

Diante disso, assumindo um princípio que desconhece seu término, não haverá cadência final alguma na música do cosmos, o que justifica a valoração de “harmonia perene”. Tomando o pressuposto de que “os movimentos celestes não são obra da mente, mas da natureza; ou seja, da força natural dos corpos” (KEPLER apud PESIC, 2014, p. 87-88), a música humana, que mimetiza a natureza, é regrada e orientada pelas marcas do intelecto do Criador, marcas que são depreendidas através da fruição racional da realidade sensível. Sendo assim, o Homem, Imitador de seu Criador, assimila finitamente e sensivelmente com a música a totalidade do tempo, e com a cadência de engano, a emulação da harmonia perene do mundo que não reencontra nunca ao seu ponto de partida, o humano pode, momentaneamente e artificialmente, superar sua condição mortal ao enebriar-se como Deus.

Ainda no Livro V do *Harmonices Mundi*, associa-se uma melodia particular a cada planeta (Figura 1): “poucas notas para Vênus, porque sua órbita é quase circular, uma sequência mais longa para Marte, porque sua órbita é razoavelmente elíptica. A Terra cantou (e continua cantando, infelizmente) um semitom *mi-fa*” (TONIETTI, 2014, p. 40). Infelizmente, pois, a relação *mi contra fa*, que mais tarde será reduzida ao trítono e chamada de *diabolus in musica*, evidência a condição decaída dos habitantes da Terra que é acompanhada pela “*MIseriam & FAmem*”(miséria e fome): “a Terra canta MI FA MI, de modo que até pelas sílabas você pode adivinhar que em nosso lar reinam *MIseriam & FAmem*” (KEPLER, 1997, p. 440). Com Pesic (2014, p. 78), lemos que Kepler toma a música polifônica de seu tempo, aquela que não se “restringe a uma única linha melódica” à maneira da música antiga, como modelo ideal para o mimetizar a polifonia dos planetas. Nessa perspectiva, temos que os planetas cantam um moteto polifônico, e os músicos decodificam, em música sensível, o secreto sussurrar da Natureza.

A música celestial não pode ser simplesmente identificada com qualquer obra musical de agência humana, pois o concerto do cosmos é inaudível, embora inteligível matematicamente. Se a música humana concretiza sensivelmente o perene movimento dos planetas, as harmonias compostas são conduzidas pelo cosmos e, nessa relação de intrínseco espelhamento, reconduzem o humano ao reino silencioso das esferas. Com a cadência de engano, então, o humano mimetiza sensivelmente o prazer divino da criação e, ainda que preso a sua condição mortal, se torna capaz de tocar a eternidade do cosmos.

Palavras-chave: Cadência de engano. Johanes Kepler. História da teoria musical. Música especulativa. Harmonia das esferas.